

ISAAC ASIMOV

O FIM DA
ETERNIDADE

TRADUÇÃO
Susana Alexandria

1ª reimpressão



Copyright © Isaac Asimov, 1955
Copyright © Aleph, 2007
(edição em língua portuguesa para o Brasil)

TÍTULO ORIGINAL: The end of eternity
CAPA: Thiago Ventura
Luiza Franco
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Fábio Fernandes
REVISÃO: Hebe Ester Lucas
Tânia Rejane A. Gonçalves
PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Guilherme Xavier
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Débora Dutra Vieira
DIRETOR EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Publicado mediante acordo com The Doubleday Broadway Publishing Group, uma divisão da
Random House, Inc., 1745 Broadway, New York, NY, 10019, USA.

ALEPH PUBLICAÇÕES E ASSESSORIA PEDAGÓGICA LTDA.
Rua Dr. Luiz Migliano, 1110 – Cj. 301
05711-900 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
Fax: [55 11] 3743-3263
www.editoraaleph.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Asimov, Isaac, 1920-1992.
O fim da eternidade / Isaac Asimov ; tradução
Susana Alexandria. -- São Paulo : Aleph, 2007.
Título original: The end of eternity.

ISBN 978-85-7657-041-7

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

07-8388

CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

1ª reimpressão
2009

TÉCNICO

Andrew Harlan entrou na cápsula. Suas paredes eram perfeitamente redondas e ela se encaixava confortavelmente dentro de um túnel vertical composto de hastes largamente espaçadas entre si, tremeluzindo numa névoa indistinta dois metros acima da cabeça de Harlan. Ele ajustou os controles e deslizou suavemente a alavanca de partida.

A cápsula não se moveu.

Harlan não esperava que isso acontecesse. Não esperava nenhum movimento; nem para cima nem para baixo, para a esquerda ou para a direita, para a frente ou para trás. Ainda assim, os espaços entre as hastes se fundiram num todo acinzentado, sólido ao toque, embora fosse imaterial para todos os efeitos. E aquele frio no estômago, acompanhado de uma leve tontura (psicossomática?), não deixava dúvida de que todo o conteúdo da cápsula, inclusive ele próprio, viajava rapidamente ao tempo-acima na Eternidade.

Ele embarcara na cápsula no Século 575, a base de operações que lhe havia sido designada dois anos antes. Na época, o Século 575 era o mais longe que viajara no tempo-acima. Agora, rumava ao Século 2456.

Sob circunstâncias normais, talvez ficasse um tanto perdido diante dessa perspectiva. Seu Século natal era num longínquo tempo-abaixo, mais exatamente o 95. O Século 95 restringia rigidamente a energia atômica, era um tanto rústico, utilizava estruturas de madeira natural, exportava certos tipos de bebidas destiladas a quase todos os tempos e importava sementes de trevo. Embora Harlan não visitasse o Século 95 desde que iniciara o treinamento especial e tornara-se Aprendiz, aos 15 anos de idade, havia sempre um sentimento de perda quando se mudava para algum outro tempo “longe de casa”. No Século 2456, estaria quase duzentos e quarenta milênios à frente de seu próprio tempo, e essa é uma distância considerável mesmo para um Eterno calejado.

Sob circunstâncias normais, seria assim.

Mas, naquele momento, seu estado de espírito não permitia pensar em nada a não ser nos documentos que pesavam em seu bolso e no plano que pesava em seu coração. Estava um pouco assustado, um pouco tenso, um pouco confuso.

Foram suas mãos agindo sozinhas que fizeram a cápsula parar no ponto correto do Século correto.

Estranho um Técnico sentir-se tenso ou nervoso diante de qualquer coisa. O que foi que o Educador Yarrow disse certa vez? “Acima de tudo, um Técnico deve ser desapaixonado. A Mudança de Realidade iniciada por ele pode afetar a vida de cinquenta bilhões de pessoas. Cerca de um milhão dessas pessoas talvez sejam tão drasticamente afetadas que poderão ser consideradas novos indivíduos. Sob essas condições, atitudes emocionais constituem uma séria desvantagem.”

Harlan sacudiu a cabeça quase com violência, para afastar a lembrança da voz seca do professor. Naquele tempo, nunca imaginara ter ele próprio esse talento peculiar para o posto. Mas a emoção finalmente o alcançara. Não por cinquenta bilhões de pessoas. O que eram cinquenta bilhões de pessoas para ele? Havia apenas uma. Uma pessoa.

Percebendo a cápsula imóvel, em menos de um segundo recompôs-se de seus pensamentos e, voltando à estrutura mental fria e impessoal que um Técnico deve ter, saiu. Esta cápsula, naturalmente, não era a mesma na qual embarcara, no sentido de que não era composta pelos mesmos átomos. Ele não se importava com isso, como nenhum Eterno se importava. Preocupar-se com a *mística* da Viagem no Tempo, em vez do simples fato em si, era a marca de um Aprendiz e dos recém-chegados à Eternidade.

Parou novamente diante da infinitamente fina cortina do Não-Espaço e Não-Tempo que o separava da Eternidade, de um lado, e do Tempo normal, do outro.

Este seria um setor da Eternidade completamente novo para ele. Sabia alguma coisa sobre ele, claro, após consultar o *Manual Temporal*. Porém, nada substitui uma visita real, e ele empertigou-se para o impacto inicial de adaptação.

Ajustou os controles, uma questão simples quando se passa para a Eternidade (mas muito complicada quando se passa para o Tempo, um tipo de passagem muito menos frequente). Atravessou a cortina e teve de semicerrar os olhos diante do brilho, protegendo-os automaticamente com a mão.

Apenas um homem o encarou. A princípio, Harlan só conseguiu ver um borrão.

– Sou o Sociólogo Kantor Voy – disse o homem. – Imagino que seja o Técnico Harlan.

Harlan confirmou com a cabeça.

– Senhor Tempo! Não dá para ajustar essa ornamentação?

Voy olhou tolerantemente para ele e disse: – Você se refere às películas moleculares?

– É isso mesmo – disse Harlan. O Manual mencionava essas películas, mas não dizia nada sobre essa profusão tão insana de luzes e reflexos.

Harlan considerou sua contrariedade bem sensata. O Século 2456 era baseado em matéria, como a maioria dos Séculos; portanto, ele tinha o direito de esperar uma compatibilidade básica

desde o primeiro momento. Não haveria aquela total confusão (aos que nasceram na matéria) dos vórtices de energia dos Séculos 300, ou dos campos dinâmicos dos Séculos 600. No 2456, para conforto do Eterno médio, a matéria era utilizada para tudo, desde paredes até pregos.

Na verdade, há matérias e matérias. O membro de um Século baseado em energia talvez não perceba a diferença. Para ele, os tipos de matéria podem parecer pequenas variações de um mesmo tema grosseiro, pesado e bárbaro. Entretanto, para uma mente voltada à matéria, como a de Harlan, havia madeira, metal (subdivisões: pesado e leve), plástico, silicatos, concreto, couro e por aí afora.

Mas matéria que consiste inteiramente de espelhos!

Esta foi sua primeira impressão do Século 2456. Todas as superfícies cintilavam, refletindo a luz. Todos os lugares transpareciam polimento – o efeito de uma película molecular. E os infinitos reflexos de si mesmo, do Sociólogo Voy, de tudo o que via, inteiros e fragmentados, em todos os ângulos, causavam confusão. Confusão brilhante e nauseante!

– Desculpe – disse Voy. – É o costume deste Século, e o Setor designado a ele considera adequado adotar os costumes, se forem práticos. Você se acostuma depois de um tempo.

Voy caminhou rapidamente por sobre os movimentos dos pés de outro Voy, de cabeça para baixo sob o piso, emparelhados passo a passo. Estendeu a mão e acionou um ponteiro indicador, baixando-o através de uma escala helicoidal até seu ponto de origem.

Os reflexos cessaram; a luz artificial diminuiu. Harlan sentiu seu mundo acomodar-se.

– Acompanhe-me, por favor – disse Voy.

Harlan seguiu-o por corredores que, momentos antes, certamente estavam repletos de luz e reflexos; subiram uma rampa, passaram por uma antessala e entraram num escritório.

Durante toda a pequena jornada, nenhum ser humano foi visto. Harlan estava tão acostumado que ficaria surpreso, quase

chocado, se vislumbrasse uma figura humana saindo apressada. Sem dúvida, a notícia de que um Técnico estava chegando já se espalhara. Até mesmo Voy mantinha distância, e quando a mão de Harlan esbarrou acidentalmente em sua manga, o Sociólogo retraiu-se, visivelmente sobressaltado.

Harlan ficou um tanto surpreso com o toque de amargura que sentiu diante de tudo isso. Achava que a couraça em torno de sua alma fosse mais espessa e mais insensível. Se estava enganado, se sua couraça tornara-se mais fina, só poderia haver um motivo.

Noys!

O Sociólogo Kantor Voy inclinou-se para a frente na direção do Técnico, no que pareceu ser um gesto amigável, mas Harlan automaticamente observou que estavam sentados em extremos opostos de uma longa mesa.

– É um prazer ter um Técnico de sua reputação interessado em nosso pequeno problema – disse Voy.

– Sim – respondeu Harlan, com a frieza impessoal que todos esperavam dele. – Existem alguns pontos interessantes. (Estava sendo impessoal o bastante? Com certeza suas reais motivações deviam ser evidentes, sua culpa sendo expelida pelas gotas de suor em sua testa.)

Tirou do bolso interno a fina folha perfurada com o resumo da Mudança de Realidade projetada. Era a mesma cópia enviada ao Conselho Pan-Temporal um mês antes. Por meio de seu relacionamento com o Computador Sênior Twissell (Twissell em pessoa!), Harlan não teve dificuldade em obtê-la.

Antes de desenrolar a folha sobre a mesa, onde seria atraída por um leve campo paramagnético, Harlan fez uma breve pausa.

A película molecular que cobria a mesa estava suavizada, mas não zerada. O movimento de seu braço captou seu olhar e, por um instante, o reflexo de seu próprio rosto no tampo da mesa parecia encará-lo de maneira sombria. Ele tinha 32 anos, mas

parecia mais velho. Ninguém precisava lhe dizer isso. Talvez fosse o formato alongado de seu rosto e as escuras sobrancelhas sobre olhos ainda mais escuros que lhe conferiam a expressão carrancuda e o olhar frio associados à caricatura dos Técnicos nas mentes de todos os Eternos. Talvez fosse apenas ele próprio tomando consciência de que era um Técnico.

Mas, então, soltou a folha sobre a mesa e retomou o assunto.

– Não sou Sociólogo, senhor.

Voy sorriu e disse: – Já estou com medo. Quando alguém começa demonstrando falta de conhecimento numa determinada área, geralmente significa que, em seguida, emitirá uma opinião simplista sobre essa mesma área.

– Não – disse Harlan –, não uma opinião. Apenas um pedido. Será que o senhor poderia dar uma olhada neste resumo e verificar se cometeu algum pequeno erro em algum lugar?

O semblante de Voy tornou-se imediatamente sério. – Espero que não – disse ele.

Harlan mantinha uma das mãos no encosto de sua cadeira e a outra no colo. Não podia deixar os dedos tamborilarem, inquietos. Não podia morder os lábios. Não podia expressar seus sentimentos de maneira alguma.

Desde que o curso de sua vida dera uma guinada, vinha observando os resumos das Mudanças de Realidade projetadas quando passavam pelas pesadas engrenagens administrativas do Conselho Pan-Temporal. Como Técnico pessoalmente designado ao Computador Sênior Twissell, conseguia fazer isso distorcendo ligeiramente a ética profissional. Particularmente com a atenção de Twissell voltada cada vez mais ao seu próprio e decisivo projeto. (As narinas de Harlan dilataram-se. *Agora* ele sabia um pouco sobre a natureza desse projeto.)

Harlan não tinha certeza se encontraria o que procurava dentro de um prazo razoável. Quando bateu os olhos pela primeira vez na Mudança de Realidade projetada 2456-2781, Número de Série V-5, quase acreditou que sua razão estivesse sendo obscu-

recida pelo desejo. Durante um dia inteiro calculou e recalculou equações e relações, numa incerteza agitada, misturada a uma excitação crescente e uma pungente gratidão por ter estudado pelo menos o básico de psicomatemática.

Agora, Voy examinava aquelas mesmas configurações com o olhar entre perplexo e preocupado.

– Parece-me – ele disse –, eu disse *parece-me* que está tudo em perfeita ordem.

– Gostaria que o senhor analisasse particularmente a questão das características do namoro na sociedade da atual realidade desse Século – disse Harlan. – Isso é Sociologia, e acredito que seja de sua responsabilidade. Por isso quis me encontrar com o *senhor* quando cheguei, e não outra pessoa.

Voy franziu o cenho. Ainda estava sendo educado, mas agora com um toque de frieza. – Os observadores designados para o nosso Setor são muito competentes – disse ele. – Tenho certeza de que os que foram designados para este projeto em particular forneceram dados precisos. Você tem indícios do contrário?

– Absolutamente, Sociólogo Voy. Aceito os dados. É o desenvolvimento desses dados que eu questiono. O senhor tem alguma outra alternativa para o complexo-tensor neste ponto, se os dados sobre o namoro forem devidamente considerados?

Voy o encarou, e então um olhar de alívio visivelmente banhou seu rosto. – Claro, Técnico, claro, mas ele se resolve sozinho numa identidade. Existe uma linha auxiliar de pequenas dimensões, sem tributários em nenhum dos lados. Espero que me perdoe pelo uso de metáforas em vez de expressões matemáticas precisas.

– Eu agradeço – disse Harlan, secamente. – Assim como não sou Sociólogo, também não sou Computador.

– Então, muito bem. O complexo-tensor a que você se refere, ou a bifurcação na estrada, como poderíamos chamar, é insignificante. As bifurcações se encontram de novo, e trata-se da mesma estrada. Nem havia necessidade de mencioná-la em nossas recomendações.

– Se o senhor assim afirma, aceito seu julgamento. Mas ainda há a questão da M.M.N.

O Sociólogo Voy recuou diante dessas iniciais, como Harlan já esperava. M.M.N. – Mudança Mínima Necessária. Nisso o Técnico era um mestre. Um Sociólogo poderia considerar-se acima de críticas vindas de seres inferiores sobre qualquer coisa que envolvesse a análise matemática das infinitas possibilidades de Realidades no Tempo, mas em matéria de M.M.N., o Técnico era supremo.

Computação mecânica não era suficiente. O maior Computaplex já construído, operado pelos mais inteligentes e experientes Computadores Seniores vivos, só conseguia indicar os intervalos em que uma M.M.N. poderia ser encontrada. Era então o Técnico que, dando uma olhada nos dados, determinava os pontos exatos dentro daquele intervalo. Um bom Técnico raramente errava. Um Técnico de alto nível jamais errava.

Harlan jamais errava.

– A M.M.N. recomendada pelo seu Setor – disse Harlan (falou em tom calmo e equilibrado, pronunciando com precisão cada sílaba da Língua Intertemporal Padrão) – envolve a indução de um acidente no espaço e a morte terrível e imediata de aproximadamente doze homens.

– Inevitável – disse Voy, dando de ombros.

– Por outro lado – disse Harlan –, minha sugestão é que a M.M.N. se reduza ao mero deslocamento de um recipiente de uma prateleira a outra. Aqui! – Seu longo dedo apontou. A unha branca e bem cuidada de seu dedo indicador traçou uma levíssima marca num grupo de perfurações.

Voy considerava a questão com um silêncio intenso e doloroso.

– Isso não altera a situação daquela sua bifurcação desconsiderada? – continuou Harlan. – Não aproveita a bifurcação de menor possibilidade, tornando-a uma quase-certeza, e isso então não conduziria...

– ... virtualmente a uma R.M.D. – murmurou Voy.

– *Exatamente* a uma Resposta Máxima Desejada – corrigiu Harlan.

Voy olhou para cima, seu rosto escuro expressando algo entre desgosto e raiva. Harlan notou, distraidamente, que havia um espaço entre os grandes dentes incisivos do homem, dando-lhe um aspecto de coelho que destoou da força contida de suas palavras.

– Suponho – disse Voy – que terei notícias do Conselho Pan-Temporal.

– Acho que não. Que eu saiba, eles não têm conhecimento disso. Pelo menos a Mudança de Realidade projetada me foi passada sem comentários. – Ele não explicou a expressão “me foi passada”, e Voy não pediu explicações.

– Então foi *você* que descobriu o erro?

– Sim.

– E não o relatou ao Conselho?

– Não.

Primeiro, o alívio, depois um endurecimento da fisionomia.

– Por que não?

– Pouquíssimas pessoas poderiam ter evitado esse erro. Achei que poderia corrigi-lo antes que causasse algum dano. Foi o que fiz. Por que levar a questão adiante?

– Bem... obrigado, Técnico Harlan. Foi um gesto de amizade. O erro do Setor que, como você diz, era praticamente inevitável, não teria ficado bem nos registros.

Ele continuou, após uma pausa momentânea: – Obviamente, em vista das alterações na personalidade a serem induzidas por essa Mudança de Realidade, a morte de uns poucos homens como preliminar não teria importância.

Harlan pensou, com indiferença: ele não parece realmente agradecido. Provavelmente ficou ressentido. Se ele parar para pensar, vai se ressentir ainda mais pelo fato de ter sido salvo de um rebaixamento na avaliação por um Técnico. Se eu fosse Sociólogo, ele apertaria a minha mão, mas ele se recusa a apertar a

mão de um Técnico. Defende a condenação de doze pessoas à morte por asfixia, mas se recusa a tocar um Técnico.

Como não podia deixar esse ressentimento crescer, pois isso seria fatal, Harlan disse sem demora: – Já que o senhor ficou agradecido, espero que, em retribuição, seu Setor possa realizar uma pequena tarefa para mim.

– Tarefa?

– Uma questão de Mapeamento de Vida. Tenho os dados necessários aqui comigo. Também tenho os dados para a sugestão de uma Mudança de Realidade no Século 482. Quero saber qual o efeito da Mudança no padrão de probabilidades de um determinado indivíduo.

– Não tenho certeza se estou entendendo – disse pausadamente o Sociólogo. – Certamente você tem todos os recursos para fazer isso em seu próprio Setor.

– Sim, tenho. Entretanto, estou empenhado numa pesquisa pessoal que não quero que apareça nos registros por enquanto. Seria difícil realizá-la no meu Setor sem... – Concluiu a frase com um gesto ambíguo.

– Então quer que essa tarefa seja realizada por canais *não* oficiais.

– Quero que seja feita confidencialmente. Quero uma resposta confidencial.

– Bem, isso é altamente irregular. Não posso concordar – disse Voy.

Harlan franziu o cenho. – Não mais irregular do que minha omissão em relatar seu erro ao Conselho Pan-Temporal. O senhor não fez objeção a isso. Se vamos ser estritamente regulares num caso, temos que ser tão rígidos e regulares no outro. Acho que o senhor me entende.

O olhar no rosto de Voy não deixou dúvida de que ele entendera. Estendeu a mão. – Posso ver os documentos?

Harlan relaxou um pouco. O principal obstáculo havia sido superado. Observou ansiosamente enquanto a cabeça do Sociólogo inclinava-se sobre as folhas que ele trouxera.

O Sociólogo falou apenas uma vez. – Pelo Tempo! É uma Mudança de Realidade pequena.

Harlan aproveitou a oportunidade e improvisou. – Sim. Na minha opinião, muito pequena. Essa é a discussão. A mudança está abaixo da diferença crítica, e escolhi uma pessoa para teste. Claro que não seria diplomático utilizar os recursos do nosso próprio Setor até me certificar de que estou certo.

Voy não demonstrou interesse, então Harlan calou-se. Não era preciso ir além do ponto de segurança.

Voy levantou-se. – Vou passar isso a um dos meus Mapeadores de Vida. Manteremos segredo. Entretanto, não quero que interprete isso como o estabelecimento de um precedente.

– Claro que não.

– E, se não se importa, eu gostaria de observar a realização da Mudança de Realidade. Creio que teremos a honra de vê-lo conduzir a M.M.N. pessoalmente.

Harlan confirmou com a cabeça. – Será de minha inteira responsabilidade.

Duas das telas da câmara de observação estavam ligadas quando entraram. Os engenheiros já as tinham focado nas exatas coordenadas de Espaço e Tempo e saído. Harlan e Voy estavam sozinhos na sala resplandecente. (O arranjo das películas moleculares era perceptível, ou muito mais que perceptível, mas Harlan olhava para as telas.)

As duas telas traziam imagens fixas. Poderiam ser cenas dos mortos, já que mostravam instantes matemáticos de Tempo.

Uma das cenas tinha cores nítidas e naturais; a sala de máquinas do que Harlan sabia ser uma nave espacial experimental. Uma porta estava entreaberta e, pela fresta, era possível ver um sapato brilhante de material vermelho semitransparente. Ele não se movia. Nada se movia. Se a cena fosse nítida o bastante para mostrar as partículas de poeira no ar, elas tampouco se moveriam.

– Durante duas horas e trinta e seis minutos após esse instante – disse Voy –, a sala de máquinas vai continuar vazia. Isto é, na Realidade atual.

– Eu sei – murmurou Harlan. Estava colocando as luvas e já memorizando rapidamente a posição do decisivo recipiente em sua prateleira, medindo os passos até ele, estimando a melhor posição para a qual deveria ser transferido. Deu uma rápida olhada na outra tela.

Enquanto a sala de máquinas, por estar no intervalo descrito como “presente” em relação ao Setor da Eternidade em que se encontravam, tinha cores fortes e naturais, a outra cena, estando uns vinte e cinco Séculos no “futuro”, trazia o lume azulado que todas as cenas do “futuro” deveriam ter.

Era um espaçoporto. O céu de um azul profundo, edifícios de metal azulado sobre um chão azul-esverdeado. Um cilindro azul de estranho formato, com base bojuda, aparecia em primeiro plano. Outros dois iguais a ele apareciam ao fundo. Os três apontavam seus narizes fendidos para cima, as fendas penetrando profundamente as entranhas da nave.

Harlan franziu o cenho. – Que esquisitos!

– Eletrogravíticos – disse Voy. – O Século 2481 foi o único a desenvolver viagens espaciais com eletrogravíticos. Nada de propulsores, nada de física nuclear. É um invento esteticamente agradável. É uma pena termos que efetuar essa Mudança. Uma pena. – Seus olhos fitaram os de Harlan em evidente reprovação.

Harlan apertou os lábios. Reprovação, claro! Por que não? Ele era Técnico.

Na verdade, foi um Observador que trouxe os detalhes do vício em drogas. Foi um Estatístico que demonstrou que as recentes Mudanças tinham provocado um aumento no número de viciados, o maior já registrado na atual Realidade humana. Algum Sociólogo, talvez o próprio Voy, interpretou esses dados no perfil psiquiátrico de uma sociedade. Finalmente, um Computa-

dor determinou a Mudança de Realidade necessária para diminuir o índice de viciados a um patamar seguro e descobriu que, como efeito colateral, as viagens espaciais com eletrogravíticos deveriam sofrer. Uma dúzia, uma centena de homens de todos os escalões da Eternidade tinham sua parcela de responsabilidade.

Mas, no final, era um Técnico como ele que entrava em cena. Seguindo as instruções combinadas de todos os outros, era ele quem, na verdade, colocava em prática a Mudança de Realidade.

Então, todos os outros acusavam-no com olhares insolentes. Seus olhos diziam: *você*, não nós, destruiu essa coisa tão linda.

E por isso o condenavam e evitavam. Transferiam a culpa para seus ombros e o desprezavam.

– Naves não são importantes – disse Harlan, rispidamente. – Nossa preocupação é com aquelas coisas.

As “coisas” eram pessoas, apequenadas pela nave espacial, assim como eram sempre apequenadas a Terra e a sociedade terrestre diante das dimensões físicas do voo espacial.

Eram pequenas marionetes em grupos, aquelas pessoas. Seus diminutos braços e pernas erguidos em posições aparentemente artificiais, congelados num certo instante no Tempo.

Voy deu de ombros.

Harlan ajustava o pequeno campo-gerador em torno de seu pulso esquerdo. – Vamos terminar logo esse serviço.

– Um minuto. Vou entrar em contato com o Mapeador de Vida e perguntar quanto tempo esse serviço vai levar. Quero terminar aquele outro serviço também.

As mãos de Voy moveram-se habilmente num pequeno contato móvel e ele ouviu, com ar matreiro, os cliques em resposta. (Outra característica deste Setor da Eternidade, pensou Harlan. Códigos sonoros em cliques. Inteligente, mas afetado, como as películas moleculares.)

– Ele disse que vai levar menos de três horas – disse Voy, finalmente. – A propósito, ele disse também que gostou do nome da pessoa envolvida. Noÿs Lambent. É uma mulher, não é?

Harlan sentiu sua garganta secar. – Sim.

Os lábios de Voy se curvaram num lento sorriso. – Parece interessante. Gostaria de conhecê-la, às cegas. Faz meses que não vejo uma mulher neste Setor.

Harlan achou melhor não responder. Encarou o Sociólogo por um momento e virou-se abruptamente.

Se havia uma falha na Eternidade, ela envolvia mulheres. Harlan sabia dessa falha praticamente desde que entrara na Eternidade, mas a sentiu na pele somente no dia em que conheceu Noÿs. Daquele momento em diante, foi fácil o caminho que o levou até onde estava agora, descumprindo seu juramento de Eterno e indo contra tudo aquilo em que acreditava.

Por quê?

Por Noÿs.

E ele não se envergonhava. Era isso o que realmente o abalava. Ele não se envergonhava. Não sentia nenhuma culpa pelos crimes cada vez mais graves que cometia, diante dos quais o último deles, o uso antiético de Mapeamento de Vida confidencial, poderia ser considerado um pecadilho.

Faria coisas muitíssimo piores, se precisasse.

Pela primeira vez, ocorreu-lhe um pensamento expresso e específico. E, embora o repelisse horrorizado, sabia que, tendo ocorrido uma vez, ocorreria novamente.

O pensamento era simplesmente este: ele destruiria a Eternidade, se fosse preciso.

O pior de tudo é que ele sabia ter poder para isso.

OBSERVADOR

Harlan estava em pé diante do portal do Tempo e pensava em si mesmo de uma nova maneira. Antes era muito simples. Havia coisas como ideais, ou pelo menos chavões, pelos quais e para os quais viver. Cada estágio da vida de um Eterno tinha uma razão. Como começavam os “Princípios Básicos?”

“A vida de um Eterno pode ser dividida em quatro fases..”.

Tudo funcionava perfeitamente antes, mas agora tudo estava diferente para ele, e os pedaços do que havia se quebrado não poderiam ser juntados de novo.

Apesar disso, passara fielmente pelas quatro fases da vida de um Eterno. Primeiro, houve um período de quinze anos durante o qual ele não era absolutamente considerado um Eterno, apenas um habitante do Tempo. Somente um ser humano do Tempo, um Tempista, podia tornar-se Eterno; ninguém nascia nessa posição.

Aos 15 anos, foi escolhido por meio de um cuidadoso e rigoroso processo seletivo cuja natureza ele desconhecia na época. Foi levado para além do véu da Eternidade após uma penosa despedida de sua família. (Mesmo então, já lhe haviam dito claramente

que, o que quer que houvesse, jamais retornaria. A verdadeira razão para isso ele só iria descobrir muito tempo depois.)

Uma vez dentro da Eternidade, passou dez anos na escola como Aprendiz e então graduou-se para a terceira fase, como Observador. Somente depois disso tornou-se Especialista e um verdadeiro Eterno. A quarta e última fase na vida de um Eterno: Tempista, Aprendiz, Observador e Especialista.

Ele, Harlan, havia passado por todas com naturalidade. E com sucesso, poderia dizer.

Lembrava-se nitidamente do final da Aprendizagem, do momento em que se tornaram membros independentes da Eternidade, do momento em que, embora não Especializados ainda, já tinham direito ao título legal de “Eternos”.

Ele se lembrava. Fim da escola e da Aprendizagem, estava perfilado com os outros cinco que haviam se formado com ele, mãos cruzadas nas costas, pernas ligeiramente separadas, olhos voltados para a frente, ouvindo com atenção.

O Educador Yarrow estava à mesa de trabalho, falando com eles. Harlan lembrava-se bem de Yarrow: um homenzinho enérgico, de cabelo ruivo e desalinhado, braços cheios de sardas e um olhar de perda. (Não era incomum esse olhar de perda num Eterno – a perda do lar e das raízes, a saudade não admitida e inadmissível do Século que jamais poderiam ver novamente.)

Harlan não se lembrava das palavras exatas de Yarrow, obviamente, mas sua essência permanecia nítida.

Yarrow disse, em essência: “Vocês serão Observadores agora. Não é uma posição altamente respeitada. Os Especialistas a veem como trabalho de criança. Talvez vocês, Eternos – ele deliberadamente pausava depois dessa palavra, para dar a cada homem a oportunidade de corrigir a postura e enobrecer-se por tal glória –, tenham a mesma opinião. Se for o caso, vocês são tolos que não merecem ser Observadores”.

“Os Computadores não teriam nada a computar, os Mapeadores de Vida não teriam vidas a mapear, Sociólogos não teriam

sociedades das quais traçar o perfil; nenhum dos Especialistas teria o que fazer, não fosse o Observador. Sei que já ouviram isso antes, mas quero que esta mensagem esteja firme e clara em suas mentes”.

“Serão vocês, jovens, que sairão pelo Tempo, sob as condições mais difíceis, para trazer os fatos. Fatos frios e objetivos, sem a cor de seus gostos e opiniões, bem entendido. Fatos precisos o bastante para alimentar máquinas de Computação. Fatos explícitos o bastante para sustentar as equações sociais. Fatos honestos o bastante para formar a base das Mudanças de Realidade”.

“E lembrem-se: seu período como Observador não é algo a ser ultrapassado da maneira mais rápida e discreta possível. É como Observadores que deixarão sua marca. Não o que fizeram na escola, mas aquilo que farão como Observadores é que vai determinar a sua Especialidade e qual nível alcançarão nela. Esse será seu curso de pós-graduação, Eternos, e uma falha aqui, mesmo que pequena, os levará à Manutenção, não importa quão brilhantes suas potencialidades pareçam agora. Isso é tudo”.

Apertou a mão de cada um deles, e Harlan, sério, dedicado, orgulhoso em sua crença de que os privilégios de ser um Eterno continham o privilégio maior da suposta responsabilidade pela felicidade de todos os seres humanos que existiram ou existirão ao alcance da Eternidade, estava mergulhado em autoadmiração.

As primeiras tarefas de Harlan eram pequenas e rigorosamente dirigidas, mas ele afeiçoou sua habilidade no reboło da experiência de doze Séculos, através de doze Mudanças de Realidade.

Em seu quinto ano como Observador, recebeu o título de Sênior na área e foi designado ao Século 482. Pela primeira vez trabalharia sem supervisão, e esse fato tirou-lhe um pouco da autoconfiança quando se apresentou ao Computador encarregado do Setor.

Era o Computador Assistente Hobbe Finge, cuja boca cerrada, desconfiada, e cujos olhos carrancudos pareciam ridículos num rosto como o dele. Seu nariz era uma bolota e duas bolotas

maiores eram suas bochechas. Precisava apenas de um toque de vermelho e uma franja branca no cabelo para se converter na figura mítica Primitiva de São Nicolau (ou Papai Noel ou Pai Natal. Harlan conhecia os três nomes). Duvidava que um entre cem mil Eternos já ouvira falar em algum deles. Harlan tinha um orgulho secreto e tímido desse tipo de conhecimento oculto. Desde os primeiros dias na escola, cavalgara no cavalo de pau da História Primitiva, e o Educador Yarrow o incentivara. Harlan, na verdade, passou a gostar daqueles Séculos estranhos e pervertidos, que se situavam não apenas antes do início da Eternidade, no Século 27, mas antes mesmo da invenção do Campo Temporal em si, no 24. Usava velhos livros e periódicos em seus estudos. Chegou até a viajar ao tempo-abaixo, aos primeiros Séculos da Eternidade, quando obteve permissão para consultar fontes mais confiáveis. Por mais de quinze anos conseguiu montar sua própria e notável biblioteca, quase toda em papel impresso. Havia um livro de um homem chamado H. G. Wells, outro de um que se chamava W. Shakespeare, alguns fragmentos de histórias. O melhor de tudo era uma coleção completa de volumes encadernados de um periódico semanal de notícias que ocupava um espaço enorme, mas que ele não suportaria, por sentimentalismo, ver reduzida a um microfilme.

Ocasionalmente, perdia-se num mundo onde vida era vida e morte, morte; onde um homem tomava decisões irrevogáveis; onde o mal não podia ser evitado, nem o bem fomentado, e a Batalha de Waterloo, uma vez perdida, estava realmente perdida para sempre. Havia até o recorte de um poema que ele apreciava muito, o qual afirmava que um dedo em movimento, uma vez tendo escrito, não poderia jamais ser atraído de volta para apagar as palavras.*

Depois era difícil, quase um choque, retornar seus pensamentos à Eternidade e a um universo onde a Realidade era algo fle-

* Trata-se de um poema (*The moving finger writes*) do persa Omar Khayyam (1048-1131). [N. do T.]

xível e passageiro, uma coisa que homens como ele podiam segurar na palma da mão e moldar num formato melhor.)

A ilusão de São Nicolau dissipou-se quando Hobbe Finge falou-lhe de modo enérgico e trivial: – Você pode começar amanhã com uma classificação de rotina da Realidade Atual. Quero-a boa, completa e objetiva. Negligência não será permitida. Seu primeiro mapa espaço-temporal estará pronto amanhã de manhã. Entendido?

– Sim, Computador – disse Harlan. Percebeu ali mesmo que não se daria bem com o Computador Assistente Hobbe Finge, e lamentou.

Na manhã seguinte, Harlan pegou seu mapa em intrincadas configurações perfuradas à medida que emergiam do Computaplex. Utilizou um decodificador de bolso para traduzi-las em Intertemporal Padrão, em sua ansiedade para não cometer o menor deslize logo no início. Obviamente, já havia alcançado o estágio em que poderia ler as perfurações diretamente.

O mapa lhe dizia quando e onde no mundo do Século 482 ele poderia ir ou não; o que poderia fazer ou não; o que deveria evitar a todo custo. Sua presença deveria ser imposta somente nos momentos e lugares onde não comprometesse a Realidade.

O 482 não lhe era um Século confortável. Não era austero e conformista como seu próprio tempo-natal. Era uma época sem a ética nem os princípios aos quais estava acostumado. Era hedonista, materialista, matriarcal. Foi a única época (ele verificou detalhadamente essa informação em seus registros) em que o nascimento ectogênico floresceu e, no seu auge, 40 por cento das mulheres davam à luz meramente pela contribuição de um óvulo fertilizado ao *ovarium*. O casamento era feito e desfeito pelo consentimento mútuo e não era reconhecido legalmente, apenas considerado um acordo pessoal sem força de obrigação. A união com o intuito de procriação era cuidadosamente diferenciada das funções sociais do casamento e acordada por princípios puramente eugênicos.

Em mais de uma centena de aspectos, Harlan achou aquela sociedade doente e, portanto, ávida por uma Mudança de Realidade. Mais de uma vez ocorreu-lhe que sua própria presença no Século, como homem de outra época, poderia bifurcar a história. Se sua perturbadora presença pudesse tornar-se perturbadora o bastante em algum ponto-chave, uma nova ramificação de possibilidade poderia tornar-se real, uma ramificação em que milhões de mulheres em busca de prazer seriam transformadas em generosas e verdadeiras mães. Elas estariam em outra Realidade, com suas próprias lembranças, incapazes de perceber, sonhar ou imaginar que um dia foram outra coisa.

Infelizmente, para fazer isso Harlan teria de ultrapassar os limites do mapa espaço-temporal, o que era impensável. Mesmo se não fosse, ultrapassar os limites aleatoriamente poderia mudar a Realidade de várias maneiras possíveis. Poderia torná-la pior. Somente a análise e a Computação cuidadosas poderiam apontar a exata natureza da Mudança de Realidade.

Na aparência, quaisquer que fossem suas opiniões particulares, Harlan continuava a ser um Observador, e um Observador ideal era meramente um feixe de nervos lógico-perceptivos anexados a um mecanismo de escrita de relatórios. Entre a percepção e o relato, a emoção não deveria intervir.

Os relatórios de Harlan eram a própria perfeição nesse aspecto.

O Computador Assistente Finge chamou-o após seu segundo relatório semanal.

– Parabéns, Observador – disse numa voz sem entusiasmo –, pela organização e clareza de seus relatórios. Mas o que você realmente pensa?

Harlan buscou refúgio na expressão mais neutra possível, como se cuidadosamente entalhada na madeira nativa do Século 95.

– Não tenho nenhuma opinião formada sobre o assunto – disse ele.

– Ora, vamos. Você é do Século 95 e ambos sabemos o que isso significa. Com certeza o Século 482 o perturba.

Harlan deu de ombros. – Alguma coisa em meus relatórios o faz pensar que estou perturbado?

Era quase um atrevimento, e o tamborilar das grossas unhas de Finge sobre sua mesa deixavam isso claro.

– Responda à minha pergunta – disse Finge.

– Sociologicamente – disse Harlan –, muitas facetas deste Século são extremas. As últimas três Mudanças de Realidade no tempo-próximo acentuaram isso. No final das contas, suponho que a questão deva ser retificada. Extremismos nunca são saudáveis.

– Então você se deu ao trabalho de conferir as Realidades passadas deste Século.

– Como Observador, devo conferir todos os fatos pertinentes.

Era um empate. Claro que Harlan realmente tinha o direito e o dever de conferir aqueles fatos. Finge sabia disso. Todo Século era continuamente agitado por Mudanças de Realidade. Nenhuma observação, por mais detalhada que fosse, conseguia durar muito sem uma nova inspeção. Era procedimento-padrão na Eternidade ter cada Século num estado crônico de Observação. E, para Observar adequadamente, deve-se poder apresentar não apenas os fatos da Realidade atual, mas também sua relação com os fatos das Realidades anteriores.

No entanto, parecia óbvio a Harlan que aquilo não era meramente um desagrado da parte de Finge, essa sondagem das opiniões do Observador. Finge parecia definitivamente hostil.

Num outro momento, Finge disse a Harlan (após invadir seu pequeno escritório para trazer a notícia): – Seus relatórios estão causando uma impressão muito favorável no Conselho Pan-Temporal.

Harlan vacilou por um instante, em dúvida, depois murmurou: – Obrigado.

– Todos concordam que você demonstra um grau incomum de penetração.

– Faço o melhor que posso.

Finge perguntou, de repente: – Você conhece o Computador Twissell pessoalmente?

– Computador Twissell? – Harlan arregalou os olhos. – Não, senhor. Por que pergunta?

– Ele parece particularmente interessado em seus relatórios. – As bochechas rechonchudas de Finge caíram, amuadas, e ele mudou de assunto. – Parece-me que você forjou uma filosofia própria, um ponto de vista da História.

A tentação puxou Harlan com força. A vaidade e a cautela lutaram entre si, e a primeira ganhou. – Estudei História Primitiva, senhor.

– História *Primitiva*? Na escola?

– Não exatamente, Computador. Por conta própria. É o meu... passatempo. É como assistir à história parada, congelada! Pode ser estudada em detalhes, enquanto que os Séculos na Eternidade estão sempre mudando. – Empolgou-se um pouco com esse pensamento. – É como se pegássemos uma série de fotogramas de um livrofime e estudássemos cada um deles minuciosamente. Veríamos muito mais coisas que perderíamos se apenas víssemos o filme passando. Acho que isso ajuda muito no meu trabalho.

Finge o encarou, estupefato, arregalando um pouco os olhos, e saiu sem mais comentários.

Ocasionalmente, depois disso, ele trazia à tona o assunto da História Primitiva e aceitava as observações relutantes de Harlan sem uma expressão definida em seu próprio rosto rechonchudo.

Harlan não sabia se se arrependia da questão toda ou se a considerava uma possibilidade de acelerar sua própria promoção.

Optou pela primeira alternativa quando, passando por ele no Corredor A, Finge disse bruscamente, em voz alta e diante de outras pessoas: – Grande Tempo, Harlan, você nunca sorri?

Veio a Harlan o chocante pensamento de que Finge o odiava. Seu próprio sentimento por Finge aproximou-se do ódio depois disso.

Três meses de varredura do Século 482 exauriram seus pontos mais relevantes, e quando Harlan recebeu uma inesperada ligação do escritório de Finge, não ficou surpreso. Estava na expectativa de uma nova missão. Seu resumo final já estava pronto há dias. O Século 482 estava ansioso para exportar mais têxteis à base de celulose aos Séculos desflorestados, como o 1174, mas não aceitava receber peixe defumado em troca. Uma longa lista de tais itens estava registrada na devida ordem, com a devida análise.

Levou o rascunho do resumo com ele.

Mas não houve menção ao Século 482. Em vez disso, Finge apresentou-o a um homem franzino e enrugado, com poucos e ralos cabelos brancos, cara de gnomo e um sorriso perene estampado no rosto durante toda a conversa. O sorriso variava entre extremos de ansiedade e jovialidade, mas nunca desaparecia totalmente. Entre dois de seus dedos amarelados havia um cigarro aceso.

Era a primeira vez que Harlan via um cigarro, caso contrário teria prestado mais atenção ao homem e menos àquele cilindro fumegante e estaria mais preparado para a apresentação de Finge.

– Computador Sênior Twissell, este é o Observador Andrew Harlan – disse Finge.

Os olhos de Harlan desviaram-se, em choque, do cigarro para o rosto do homenzinho.

– Como vai? – disse o Computador Sênior Twissell, com voz aguda. – Então este é o jovem que escreve aqueles excelentes relatórios?

Harlan perdeu a voz. Laban Twissell era um mito, uma lenda viva. Laban Twissell era um homem que ele deveria ter reconhecido imediatamente. Era o mais ilustre Computador da Eternidade, o que equivalia a dizer que era o mais eminente Eterno vivo. Era o decano do Conselho Pan-Temporal. Havia dirigido mais Mudanças de Realidade do que qualquer outro na Eternidade. Ele era... Ele tinha...

A mente de Harlan fraquejou de uma vez. Balançou a cabeça com um sorriso tolo e não disse nada.

Twissell levou o cigarro à boca, deu uma rápida tragada e o colocou de lado. – Deixe-nos a sós, Finge. Quero conversar com o rapaz.

Finge levantou-se, resmungou alguma coisa e saiu.

– Você parece nervoso, rapaz – disse Twissell. – Não precisa ficar nervoso.

Mas conhecer Twissell daquele jeito foi um choque. É sempre desconcertante descobrir que alguém que você sempre imaginou ser um gigante tem, na verdade, menos de um metro e sessenta e cinco de altura. Poderia o cérebro de um gênio realmente caber atrás daquela testa lisa e calva? Era inteligência e perspicácia ou apenas bom humor o que irradiava daqueles olhinhos espremidos em mil rugas?

Harlan não sabia o que pensar. O cigarro parecia obscurecer todo o resquício de inteligência que teve forças para reunir. Recuou, visivelmente assustado, quando uma baforada de fumaça o alcançou.

Twissell apertou os olhos como se tentasse enxergar através da cortina de fumaça e falou, com um sotaque horrível, no dialeto do décimo milênio: – Você vai se sentir melhor se eu falar no seu próprio dialeto, rapaz?

Segurando-se para não rir histericamente, Harlan respondeu, cuidadosamente: – Falo muito bem o Intertemporal Padrão, senhor. – Disse isso no Intertemporal que ele e todos os outros Eternos em sua presença falavam desde seus primeiros meses na Eternidade.

– Bobagem – disse Twissell, assertivamente. – Não ligo para o Intertemporal. Falo a língua do décimo milênio perfeitamente.

Harlan imaginou que Twissell não utilizava dialetos locais há uns quarenta anos.

Mas depois desse intróito, feito, aparentemente, para sua própria satisfação, Twissell começou a falar em Intertemporal.

– Eu lhe ofereceria um cigarro, mas tenho certeza de que você não fuma – disse Twissell. – Fumar é um hábito reprovado em quase todos os tempos na História. Na verdade, bons cigarros são fabricados só no Século 72, e os meus tiveram que ser importados especialmente de lá. Fica aí uma dica, caso decida começar a fumar. É uma tristeza. Fiquei preso no 123 por dois dias. Proibido fumar. Quer dizer, até no Setor da Eternidade dedicado ao 123. Os Eternos de lá tinham adotado os *costumes*. Se eu acendesse um cigarro, seria como se o mundo caísse. Às vezes tenho vontade de calcular uma Mudança de Realidade que acabe de uma vez com todos os tabus antitabagistas em todos os Séculos, só que uma Mudança de Realidade assim causaria guerras no 58 e uma sociedade de escravos no 1000. Sempre tem alguma coisa.

Primeiro, Harlan ficou confuso; depois, ansioso. Certamente aquela tagarelice de irrelevâncias deveria estar escondendo algo.

Sentiu a garganta contrair. – Posso perguntar por que quis me ver, senhor?

– Gosto dos seus relatórios, rapaz.

Houve um brilho velado de alegria nos olhos de Harlan, mas ele não sorriu. – Obrigado, senhor.

– Eles têm um toque artístico. Você é intuitivo. Você sente intensamente. Acho que conheço um posto adequado na Eternidade e vim oferecê-lo a você.

Harlan pensou: não estou acreditando nisso.

Refreou todo e qualquer triunfo na voz. – Estou muito honrado, senhor.

Em seguida, tendo terminado seu cigarro, o Computador Sênior Twissell pegou outro com a mão esquerda, num gesto rápido como o de um mágico, e o acendeu. – Pelo amor do Tempo, rapaz, você fala como se tivesse ensaiado as palavras. Grande honra, sei. Bobagem. Besteira. Diga o que sente em linguagem clara. Está contente, hein?

– Sim, senhor – disse Harlan, cautelosamente.

– Certo. Deveria estar mesmo. Gostaria de ser Técnico?

– Técnico! – exclamou Harlan, saltando da cadeira.

– Sente-se, sente-se. Parece surpreso.

– Nunca esperei ser Técnico, Computador Twissell.

– Não – disse Twissell, secamente. – De certa forma, ninguém espera. Esperam qualquer coisa, menos isso. No entanto, estamos sempre precisando de Técnicos e é difícil encontrá-los. Nenhum Setor da Eternidade tem Técnicos em número suficiente.

– Acho que não sou talhado para o posto.

– Você quer dizer que não é talhado para um serviço problemático. Pelo Tempo! Se você é tão dedicado à Eternidade como penso que é, não vai se importar com isso. Então os tolos irão evitá-lo e você vai se sentir no ostracismo. Você se acostuma. E terá a satisfação de saber que precisam de você, precisam desesperadamente. *Eu* preciso de você.

– O senhor? O senhor em particular?

– Sim. – Um elemento de astúcia incorporou-se ao sorriso do homem. – Você não será simplesmente um Técnico. Será meu Técnico pessoal. Terá um *status* especial. Que tal?

– Não sei, senhor – disse Harlan. – Talvez eu não esteja qualificado.

Twissell balançou a cabeça com firmeza. – Preciso de você. Preciso justamente de você. Seus relatórios me dão a certeza de que você tem o que eu preciso lá em cima. – Bateu rapidamente na testa com o dedo indicador e sua unha cheia de arestas. – Seu histórico como Aprendiz é bom; os Setores nos quais você foi Observador fizeram boas recomendações. Finalmente, o relatório de Finge foi o mais adequado.

A surpresa de Harlan foi sincera. – O relatório de Finge foi favorável?

– Não esperava isso?

– Eu... não sei.

– Bem, rapaz, eu não disse que foi favorável. Disse que foi adequado. Para falar a verdade, o relatório de Finge *não* foi favorável. Ele recomendou que você fosse afastado de todas as ativi-

dades relacionadas a Mudanças de Realidade. Sugeriu que o único lugar seguro para você é a Manutenção.

Harlan enrubesceu.— Quais foram os motivos que ele alegou para dizer isso, senhor?

— Parece que você tem um passatempo, rapaz. Você se interessa por História Primitiva, não? — Fez um gesto expansivo com seu cigarro, e Harlan, esquecendo-se, em sua raiva, de controlar a respiração, inalou uma nuvem de fumaça e começou a tossir sem parar.

Twissell observou o acesso de tosse do jovem com benevolência e disse: — Não é verdade?

— O Computador Finge não tinha o direito... — começou Harlan.

— Ora, ora. Contei o que ele escreveu no relatório porque disso depende o objetivo para o qual preciso de você. Na verdade, o relatório é confidencial e você deve esquecer que eu revelei seu conteúdo. Permanentemente, rapaz.

— Mas o que há de errado com meu interesse por História Primitiva?

— Finge acha que seu interesse demonstra um forte Desejo de Tempo. Entende, rapaz?

Harlan entendia. Era impossível evitar o jargão psiquiátrico. Aquela expressão em particular. Todo membro da Eternidade supostamente teria o forte desejo, mais forte ainda por ser oficialmente reprimido em todas as suas manifestações, de retornar não necessariamente ao seu próprio Tempo, mas, pelo menos, a algum Tempo definido; o desejo de pertencer a um Século, e não vagar por todos eles. É claro que, na maioria dos Eternos, esse desejo permanecia a salvo, oculto no inconsciente.

— Não creio que seja o caso — disse Harlan.

— Nem eu. De fato, acho seu passatempo interessante e valioso. Como eu disse, é por isso que quero você. Quero que ensine a um Aprendiz que vou lhe trazer tudo o que sabe e tudo o que puder aprender sobre História Primitiva. Paralelamente, você

será meu Técnico particular. Você começa daqui a alguns dias. Isso o agrada?

Se agrada? Ter permissão oficial para aprender tudo o que puder sobre os dias antes da Eternidade? Ser pessoalmente associado ao maior Eterno de todos? Até o odioso título de Técnico parecia suportável naquelas condições.

Sua cautela, entretanto, não o abandonou totalmente. – Se isso é necessário para o bem da Eternidade, senhor... – ele disse.

– Para o *bem* da Eternidade? – exclamou o Computador com cara de gnomo, em repentino entusiasmo. Jogou a ponta do cigarro com tanta força que ela bateu na parede em frente e ricocheteou numa chuva de faíscas. – Preciso de você para a *existência* da Eternidade.